

NOTAS SOBRE ENGRAXATES E BARBEIROS: O ITALIANO E O ÍTALO-PAULISTA PELO OLHAR DE ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

Leonardo da Silva Claudiano*

Resumo: António de Alcântara Machado trouxe para o palco urbano as vivências dos italianos e ítalo-paulistas, dentre elas a sua integração em um novo meio social. Este artigo percorre alguns de seus contos com o intuito de compreender como esse processo foi visto e percebido pelo autor.

Palavras Chaves: História, Literatura, Imigração Italiana, São Paulo.

Abstract: António de Alcântara Machado brought to the urban stage the experiences of Italians and Italo-Paulistas, among them their integration into a new social environment. This article goes through some of his stories in order to understand how this process was seen and perceived by the author.

Keywords: History, Literature, Italian Immigration, São Paulo.

* Doutorando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisador do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC/PUC-SP). E-mail: <leonardo.claudiano@gmail.com>.

Introdução

A “SECÇÃO SPORTIVA” do *Correio Paulistano* de 31 de julho de 1929, deu tons épicos à sua principal manchete:

A grande pugna de Hontem – O Corinthians vence brilhantemente o Bologna F.C. pelo elevado score de 6 goals a 1 – Detalhes dessa movimentada lucha – o extraordinario entusiasmo despertado pela lucha e seu desfecho.¹

Quem abriu o jornal naquela manhã provavelmente se deteve na página esportiva. A chamada eloquente era margeada por fotos em perfeito diálogo com a emoção que se pretendia emanar: em disputas de bola, os rostos se mostravam contorcidos, os corpos não escondiam o esforço e, mesmo estática, a imagem transmitia a garra do movimento. O preto dos uniformes bolonheses dava o contraste ideal diante do branco corintiano, remetendo ao embate simbólico de forças opostas.

O desenrolar do texto, no entanto, entra em descompasso com o enunciado:

Offereceu grande interesse o encontro de hontem do Bologna com o Corinthians.

Como era natural, esse prelo sportivo, dada as credenciaes valorosas de ambos os disputantes, teve uma vasta assistencia. Perfeitamente á altura de uma grande expectativa. Enfrentam-se dois campeões com um arrolamento de victorias innumeradas Aurelados por triunphos varios.²

Posteriormente, seguiu-se a descrição de cada gol, numa construção mecânica, carente de emoções, o que destoava da partida, do que a antecederia e sua representatividade para além do jogo em si:

O 6º e ultimo ponto do Corinthians.

Os corinthians insistem no ataque e dois minutos depois Ratto escapa e passa a Rodrigues que marca o 6º ponto dos locaes.³

Foi a segunda e última partida do Bologna na cidade de São Paulo. Dias antes, foram igualmente derrotados pelo selecionado paulista, por 6 a 4. A cobertura do *Correio Paulistano* seguiu o padrão, com fotos, manchete e reportagem. Pouco depois, a excursão italiana partiu

¹ Correio Paulistano, 31 jul. 1929 (n. 23619). Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 27 nov. 2019.

² Correio Paulistano, 31 jul. 1929. (n. 23619). Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 27 nov. 2019.

³ Correio Paulistano, 31 jul. 1929 (n. 23619). Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 27 nov. 2019.

com destino ao Uruguai e Argentina, para outros embates - todos registrados pelo jornal, porém em curtas notas.

É importante ressaltar que a viagem do Bologna pela América do Sul, em especial ao Brasil, teve grande cobertura da imprensa⁴, no geral. Assim que confirmado o embarque, inúmeras informações sobre o clube italiano circularam, incluindo um perfil desde sua origem⁵. Antes de desembarcar em solo nacional, o time italiano já figurava no cotidiano da cidade, nas rodas de conversas sobre o esporte que se fazia cada vez mais popular. Já figurava na cidade, e encontrava eco no grande número de italianos que para cá se dirigiram ao longo das décadas anteriores, fornecendo não apenas braços para a lavoura de café, mas também inserindo-se no meio urbano em construção, influenciando e sendo influenciado por esse processo que a todos envolveu.

A cobertura mais efetiva da imprensa deve-se, portanto, não apenas à difusão do futebol e o uso de suas vitórias, principalmente contra times estrangeiros - numa espécie de afirmação de protagonismo nacional (ou antes, paulista) -, mas também à enorme quantidade de italianos espalhados por São Paulo, cuja saudade da pátria buscava os referenciais de além-mar.

E podemos ir além da reportagem, podemos buscar o auxílio da literatura para encontramos outros fatos significativos na visita do Bologna F.C.. Para isso, recorremos a Antônio de Alcântara Machado⁶, que com o olhar atento e capacidade de registro em prosa ágil, leve e sonora, soube captar a presença e integração do italiano no meio paulistano, deixando importante contribuição na urbe que se queria moderna e cosmopolita; que se queria

⁴ O Estado de São Paulo também exaltou a vitória corinthiana: “O valoroso Corinthians Paulista impoz esmagadora derrota aos futebolistas italianos”. O Estado de São Paulo, 31 jul. 1929. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em 27 nov. 2019.

⁵ Correio Paulistano 19 jun. 1929 (n. 23583); Correio Paulistano 12 jul. 1929 (n. 23603). Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 27 nov. 2019.

⁶ Antônio de Alcântara Machado foi um dos principais nomes do modernismo e, segundo Alfredo Bosi (História Concisa da Literatura Brasileira), aquele quem mais experimentou e inovou na busca pela transformação da prosa, adaptando-a aos novos tempos, não apenas pelas temáticas, mas pela forma de abordagem e composição textual. Morreu jovem, aos 34 anos, por conta de complicações de uma cirurgia para a retirada do apêndice. Deixou obra considerável, para um curto tempo de produção – todas de características bem definidas e situadas na proposta modernista pela corrente antropofágica. Em sua galeria de personagens figuram os italianos, ítalos-paulistas e a pequena burguesia paulistana. *Pathé-Baby* (1926), *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927), *Laranja da China* (1928), *Mana Maria* (1935) [póstuma] e *Cavaquinho e Saxofone* (1940) [póstuma], constituem suas principais obras.

ao lado dos grandes centros europeus e norte-americanos. Sem fechar os olhos para as contradições que o processo de modernidade e os vários hibridismos que os encontros de culturas apresentavam, Alcântara retratou muitas facetas desses movimentos, e tornou protagonista de contos e crônicas os italianos e ítalo-paulistas⁷ - homens, mulheres e crianças que tateavam em tempos de rápidas e profundas transformações. Pelos seus registros temos:

(...) o painel da vida da cidade, com novos elementos trazidos pelo imigrante – da fala à comida, ao gosto pela música e pelo teatro, a postura sentimental ou explosiva e, sobretudo, a grande dedicação ao trabalho, sem preconceitos. Abertos a novas experiências na terra de adoção, aos poucos as lembranças da pátria distante se esfumam.⁸

As lembranças perdem suas cores, elas se esfumam..., no entanto, há mecanismos de reavivamento que, entre outros elementos, desencadeiam um choque geracional, como aponta o autor ao abordar a excursão da equipe italiana.

Antes, porém, cabem algumas considerações sobre o diálogo entre História e Literatura – um diálogo fecundo, com inúmeras aproximações possíveis e algumas distâncias a serem guardadas. É preciso dizer que tanto uma quanto a outra são formas de ver o mundo e apreendê-lo em movimento, via reconstruções narrativas. Reconstruções essas, históricas e literárias, que flertam entre si, mas através de acenos espaçados: a captura do real, que gera suas representações via tecido narrativo, opera de maneira distinta: a História cuida do que se passou, constrói sua argumentação através dos indícios que lhe chegam do passado, sempre balizada por suas fontes; a literatura, por sua vez, segue sem as amarras dos registros, trata do que teria se passado, num campo amplo de possibilidades, muitas das quais não realizadas. Dessa maneira, não utilizamos a Literatura como ilustração do pretérito, e sim como um caminho de acesso ao clima de uma época, àquilo que foi motivo de atenção para o escritor,

⁷ A diferença encontramos objetivamente na produção do escritor. O italiano era o imigrante, que por aqui chegava através de agenciadores, cartas de chamada ou outra forma de emigração não subvencionada. Os ítalo-paulistas eram os filhos, a primeira geração já nascida em solo brasileiro, particularmente em São Paulo. Muitos contos e crônicas do escritor tratam desse choque geracional, como, por exemplo, *Nacionalidade* e *Carmela*, publicados em *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927) e *Notas sobre a visita do Bologna F.C.*, de *Cavaquinho e Saxofone* (1940).

⁸ LARA, Cecília de. *Brás, Bexiga e Barra Funda: uma sinfonia paulistana*. In: MACHADO, Antônio de Alcântara. *Contos Reunidos (Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; e outros contos)*. São Paulo: Ática, 2003, p. 8

qual o norte, as expectativas traduzidas em enredo por parte de quem sentiu e redigiu o contexto de seu tempo.⁹ Em outras palavras:

O historiador não pode compreender a obra literária apenas como veículo de conteúdo, pois o valor do texto literário não está propriamente na confrontação que dele se pode fazer com a realidade exterior, mas na maneira como esta realidade é abordada, aprofundada, questionada, recriada.¹⁰

Dito isso, António, com base na visita do Bologna, trouxe impressões que ultrapassaram as quatro linhas do gramado de jogo e se aventurou em subtextos que escaparam à cobertura tradicional da imprensa.

Em *Notas sôbre a visita do Bologna F.C.*¹¹, o autor focaliza sua câmara no Salão Santa Gertrudes. Na breve descrição do ambiente, dividi-o em dois, tal qual um campo de futebol: à frente, os engraxates – crianças que ajudavam na composição do orçamento familiar, a primeira geração nascida em solo brasileiro, os ítalo-paulistas; aos fundos, os barbeiros – o imigrante que se urbanizou, rompendo determinados estereótipos que os colocaram automaticamente vinculados à lavoura de café. Ponto relevante é citado por Zuleika Alvim¹²: aquilo que chamamos de Itália, no período em questão, ainda se revelava sem contornos nítidos no plano cultural. Dessa forma, a imigração partiu de diversas regiões, cada uma delas com características específicas em vivências, trabalhos e relação com o solo. O maior contingente que chegou aos campos - e de certa forma sonhava com a propriedade da terra - veio do norte da Itália, da região do Vêneto. Os meridionais formaram contingentes nas cidades, assim como os provenientes do sul italiano. Zuleika, assim, demonstra-nos que a imigração não foi um fator passivo e que os destinos e formas de resistência constituíram atitudes conscientes de sujeitos históricos, rompendo leituras oficiais de mãos naturais e dóceis à lavoura.

A obra de Alcântara Machado, pela veia literária, trata, unicamente, do italiano urbano – dessa cidade que se edifica, faz e se refaz num ritmo até então desconhecido e estranho aos seus habitantes. As ruas não envelhecem, não possuem tempo disponível para tanto – fato

⁹ PESAVENTO, Sandra Jathay. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

¹⁰ AVELINO, Yvone Dias. Os labirintos da arte de narrar: história e literatura. In: CARVALHO, Alex Moreira (org.); FLÓRIO, Marcelo (org.); AVELINO, Yvone Dias (org.). *História, Cotidiano e Linguagens*. São Paulo: Expressão & Arte, 2012, p. 249.

¹¹ MACHADO, António de Alcântara. *Notas sôbre a visita do Bologna F.C.* In: MACHADO, António de Alcântara. *Cavaquinho e Saxofone*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

¹² ALVIM, Zuleika. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

que, na mesma medida que traz estranhamento, apresenta a possibilidade de maior interação nos fluxos de criações físicas e subjetivas. Nesse construir e reconstruir constante, o imigrante, os italianos, especificamente, agem e reagem. Pelo olhar de Alcântara, encontramos marcas em toda a cidade advindas dessa interação.

De Gennarinho a Januário Peixoto de Faria

Dissemos, anteriormente, que a obra de Alcântara Machado sinaliza unicamente para o italiano urbano. Existe, no entanto, uma breve exceção, poucas linhas que trazem a fazenda e logo se desfazem. Trata-se do conto *Notas biográficas do novo deputado*¹³. Nele, o campo aparece na correspondência, quando o Coronel Juca recebe notícias de sua propriedade no interior. Notamos, de imediato, que se trata de algo incômodo:

O Coronel recusou a sopa.

- Que é isso, Juca? Está doente?

O coronel coçou o queixo. Revirou os olhos. Quebrou um palito. Deu um estalo com a língua.

- Que é que você tem, homem de Deus?

O coronel não disse nada. Tirou uma carta do bolso de dentro. Pôs os óculos. Começou a ler.¹⁴

Entre as notícias banais de um cotidiano rural, somos informados da morte de um de seus empregados, cujo filho foi por ele batizado. O remetente da missiva indaga o que fazer com o garoto e o Coronel, movido pelo compromisso religioso assumido em rito católico, segue adiante e procede ao acolhimento do menino:

Gennarinho desceu na estação da Sorocabana com o nariz escorrendo. Todo chibante. De chapéu vermelho. Bengalinha na mão. Rebocado pelo filho mais velho do administrador. E com uma carta para o Coronel J. Peixoto de Faria.

Tocou o coche Hudson que estava à sua espera. Veio desde a estação até a Avenida Higienópolis com a cabeça pra fora do automóvel soltando cusparadas.¹⁵

¹³ MACHADO, Antônio de Alcântara. *Notas Biográficas do novo deputado*. In: MACHADO, Antônio de Alcântara. *Contos Reunidos* (Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; e outros contos). São Paulo: Ática, 2003.

¹⁴ *Ibidem*, p. 48.

¹⁵ *Ibidem*, p. 49.

Temos, então, o encontro de dois mundos díspares: o urbano, paulistano e refinado por camadas burguesas do Coronel J. Peixoto, e o camponês, informal, do ítalo-paulistano Gennarinho. Nesse momento, duas chaves de leituras são possíveis. A primeira tende a compreender um embate entre civilização x barbárie, e a caricatura do garoto, deslocado e risível no ambiente citadino, denota certo preconceito do autor. Em contraponto, a generosidade da adoção por parte de um representante da elite cafeeira alude às características benevolentes dessa classe social. Alcântara, assim, iria na contramão das inúmeras denúncias de maus tratos vindas do campo, que levaram, inclusive, o governo italiano a estabelecer restrições, principalmente à emigração subvencionada (Decreto Prinetti, de 1902).¹⁶ A segunda leitura possível, da qual compartilhamos, é oposta. Dialogando com outros contos do escritor, vemos que a representação da criança faz-se sempre de forma cômica, mas terna, como se através delas, do seu olhar de meninos ou meninas, o processo de desnudamento das relações adultas, em suas muitas camadas de interesses e oportunismos, fosse carregado de um nível de sinceridade não ofensivo, que só o universo infantil é capaz. Gennarinho é construído dotado destas características. Já o Coronel, não obstante a riqueza que possui, é retratado como alguém inseguro, moldável (“O coronel recusou a sopa.” “O coronel coçou o queixo.” “Revirou os olhos.” “Ainda não resolvi nada.” “Amanhã-ã-ã...ai! ai!... nós vemos isso direito.”¹⁷). Atento, dotado de sagacidade e leituras rápidas do novo ambiente em que se encontra, Gennarinho, pela escrita de Alcântara Machado, conduz as situações de maneira precisa, segura. Pratica a forma mais eficaz da boa manipulação, a que deixa no manipulado a impressão do controle. (“- Beije a mão dos padrinhos. Beijou. - Limpe o nariz. Limpou com o chapéu”¹⁸). A estratégia de sobrevivências opera nas brechas de uma relação cuja poder econômico é desigual:

Um dia na mesa o Coronel implicou:

- Esse negócio de Gennarinho não está certo. Gennarinho não é nome de gente. Você passa a se chamar Januário que é a tradução. Eu já indaguei. Ouviu? Eta menino impossível! Sente-se já aí direito! Você passa a se chamar Januário. Ouviu?

- Ouvi.

¹⁶ ALVIM, Zuleika. Op. Cit.

¹⁷ MACHADO, António de Alcântara. Notas Biográficas do novo deputado. In: MACHADO, António de Alcântara. Contos Reunidos (Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; e outros contos). São Paulo: Ática, 2003, p. 48-51.

¹⁸ Ibidem, p. 49.

- Não é assim que se responde. Diga sem se mexer na cadeira: Ouvi, sim senhor.

- Ouvi, sim senhor coronel!

Dona Nequinha riu como uma perdida. Da resposta e da continência.

(...)- Crescidinho já. Muito bem. Muito bem. Como se chama?

Januário não respondeu.

(...) Com os olhos no coronel:

- Januário Peixoto de Faria.

(...) O coronel seguiu para o São Paulo Clube pensando em fazer o testamento.¹⁹

De Gennarinho a Januário, a nomeação representa o processo de integração, que levará, posteriormente, Januário ao cargo de deputado, entrando no aparato burocrático do Estado, plenamente à vontade em sua movimentação no espaço da cidade de São Paulo. O Coronel, ao seguir para o São Paulo Clube, leva a certeza de que tudo foi conduzido por ele. Engana-se. Alcântara demonstra que foi a astúcia do garoto que definiu a situação. A marca na urbe, deixada pelos imigrantes e ítalos-paulistas fez-se da mesma maneira, sutil e, num contexto de transformações inúmeras, duradoura. Essa forma de olhar a integração de maneira ativa, híbrida, é constante em António de Alcântara Machado, principalmente em *Brás, Bexiga e Barra Funda*.

De volta ao Salão Santa Gertrudes e arredores

Voltando ao Salão Santa Gertrudes, a separação entre engraxates e barbeiros, tal qual um campo de jogo, ou antes, uma arquibancada de estádio, traduz-se num confronto geracional. Confronto que se inicia já no embarque do Bologna, que, como vimos, foi amplamente divulgado pela imprensa:

Ali no salão Santa Gertrudes assim que se anunciou o embarque na Itália começou a discussão: de um lado os barbeiros, de outro os engraxates. Quer dizer: italianos contra ítalos-brasileiros. O compartimento dos engraxates fica na frente. De forma que a gente entrava, sentava na cadeira e ouvia a prosa rimada: A barbeirada está danada porque vai ser casa lavada!²⁰

¹⁹ Ibidem, p. 50-52.

²⁰ MACHADO, António de Alcântara. Notas sôbre a visita do Bologna F.C. In: MACHADO, António de Alcântara. Cavaquinho e Saxofone. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940, p. 27.

Esse embate entre gerações remete ao embate entre nacionalidades, entre sentidos de pertencimento e referenciais afetivos construídos nos espaços de convivência. Não existe ódio entre elas, mas visões díspares e complementares, fronteiras que se forçam, recuam, aceitam e se fazem porosas, híbridas com suas negociações constantes. Em um texto sobre Voltolino²¹, importante na formação do seu olhar em busca do ítalo-paulista, Alcântara encontrou os acordos e desacordos geracionais:

Para mim o que há de melhor na obra deixada por Voltolino é a fixação do ítalo-paulista. Fixação humorística. Triste também. Voltolino inspirava-se no ambiente. Daí o seu mérito. Foi o caricaturista desde momento inapreciável do S. Paulo que a gente vive.

(...) Vinte de setembro. Dia em que a colônia enche-se de macarrão, Chianti e patriotismo. Arvora na rua cores nacionais. O cônsul dá recepção. As sociedades italianas erguem vivas e ouvem discursos (...) Voltolino resumiu toda essa festança, todo êsse delírio, a psicologia de tôdas essas comemorações com felicidade única. Sua caricatura representa o italiano clássico (bigodeira agressiva, pança vasta, toscano fumegante) puxando pela mão o filho vestido de bersagliere. Só. Nem era preciso mais. São duas figuras que dizem tudo. A atitude embandeirada do italiano orgulhoso com a sua idéia de vestir o filho daquela maneira em homenagem à pátria e o aspecto deste último, todo desajeitado, sem compreender a significação daquela massada, constrangido e bobo, formam um contraste gostoso que sintetiza essa luta surda que se desenvolve (...) ²²

²¹ João Paulo Lemmo Lemmi (Voltolino), teve importante atuação na imprensa paulistana no início do século XX, trabalhando com ilustrações humorísticas.

²² MACHADO, António de Alcântara. Voltolino. In: MACHADO, António de Alcântara. Cavaquinho e Saxofone. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940, p. 247 – 250.



Imagem 1: II XX Settembre - Voltolino²³

Assim como Voltolino eternizou em imagem o conflito geracional, António o fez em contos e crônicas. No Salão,

os barbeiros davam dois goals de lambuja (...) de vez em quando a torcida brasileira fazia barulho na secção dos engraxates e um barbeiro pedia silêncio. Mas era mal sucedido. A menina levantava a escôva e gritando: Nós estamos em nossa terra! Aí o gerente intervinha com habitual autoridade: No futebol não há pátria. Havia sempre um freguês que concordava.²⁴

Os resultados foram de vitória para o selecionado paulista e o Corinthians. A narrativa de Alcântara se mostra envolvente e mais do que vibrar o jogo, faz vibrar a cidade de São Paulo, personagem cativante e sedutora de todos os seus enredos. Em suas páginas temos um panorama amplo e, pela construção e disposição textual, apreendemos a cidade em seus movimentos simultâneos. Somos conduzidos pelas ruas paulistanas dos anos vinte e ouvimos os sons e sentimos os cheiros que se desprendem de seu fazer literário. A técnica é eficaz: ao pontuar marcos conhecidos de trajetos, insere-nos na história de modo que também seguimos rumo ao estádio, sentamo-nos na arquibancada (“Tijolo custava cinco mil réis e cadeira

²³ Revista do Brasil, São Paulo, ano I, abril de 1916, n. 4, p. 449.

²⁴ MACHADO, António de Alcântara. Notas sôbre a visita do Bologna F.C. In: MACHADO, António de Alcântara. Cavaquinho e Saxofone. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940, p. 28.

vinte”)²⁵ , vibramos com o jogo e comemoramos as vitórias. Além dos lances da partida, somos ambientados nos gritos e comentários das arquibancadas.

Logo que começou se viu a superioridade do Corinthians. Os dianteiros de meio-metro passavam brincando entre os manguaris do Bologna e entravam no goal com bola e tudo. O recurso primeiro foi segurar a meninada pela camisa, machucar e derrubar. A geral comentava: O Bologna joga com o pé e com a mão. O que não impedia o domínio paulista cada vez maior. Mudaram então de tática. De tempos em tempos substituíam os jogadores. A geral comentava: Se são vinte e dois podem pôr todos no campo.²⁶

Longe do tom épico dos jornais e de sua descrição pormenorizada do que foi a partida, temos o humor e o olhar sensível que traz questões além, questões que penetram boa parte de sua obra. O Bologna perde os dois jogos em solo paulistano. Segue, então, para Uruguai e Argentina, como já dissemos. Os barbeiros, os italianos nesse conflito geracional, são derrotados pelos engraxates, os ítalo-paulistas. Mas nada caminha na separação, na superação de qualquer tipo de tradição trazida e mantida pelos primeiros imigrantes. O que se tem é o envolvimento, elementos díspares que não se negam, coexistem e mesclam-se, traduzindo-se num outro viver urbano. Os barbeiros seguem trabalhando junto aos engraxates e a fala cantada e gestual torna-se patrimônio de ambos – “De forma que a gente entrava, sentava na cadeira e ouvia a prosa rimada”.²⁷

Perfumaria Santos Dumont; Sociedade de Transportes Rui Barbosa

Em *Nacionalidade*,²⁸ o enredo também gira em torno de um barbeiro, “Tranquillo Zampinetti da Rua do Gasômetro nº 224-B.”²⁹ António, além de ratificar o domínio na prosa, utiliza recursos visuais, carrega fontes em negrito, que direcionam o olhar para os inúmeros períodos em Italiano que Tranquillo distribui em toda sua fala - parte dela reprodução de leituras das notícias do *Fanfulla*, alusivas à Primeira Guerra Mundial. O contraste entre contornos fortes e suaves leva nossa atenção visual para os dizeres enérgicos da língua estrangeira. Pela relação entre oralidade e reportagens do periódico, as frases em negrito do

²⁵ Ibidem, p. 29.

²⁶ Ibidem, p. 31.

²⁷ Ibidem, p. 28.

²⁸ MACHADO, António de Alcântara. *Nacionalidade*. In: MACHADO, António de Alcântara. *Contos Reunidos* (Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; e outros contos). São Paulo: Ática, 2003, p. 61.

²⁹ Idem.

barbeiro evocam manchetes, gritam pela página. Mais: demonstram como quer ser conhecido e reconhecido, já num primeiro e até então superficial encontro - é italiano. À medida que entramos no enredo, a impressão desejada inicialmente é confirmada – estamos diante de um nacionalismo enraizado. Entretanto, paulatinamente, o texto avança e o negrito se desbota, o Português passa a envolver a narrativa por completo, pontuado por uma ou outra expressão da língua materna. Pela linguagem, a integração do barbeiro se confirma e o Italiano original dá lugar a um Português macarrônico, sonoro. Porém, adiantamo-nos. Até se completar, os avanços e recuos, comuns ao se viver e se integrar num novo contexto, mostram-se na história. No caminho em que hibridismos vão moldar a sua identidade, Tranquillo resiste, preocupa-se com a descendência e os laços que indicam rompimento:

(...) mas tinha um desgosto. Desgosto patriótico e doméstico. Tonto o Lorenzo como o Bruno (Russinho para a saparia do Brás) não queria saber de falar italiano. Nem brincando. O Lorenzo era até irritante.

- Lorenzo! Tua madre ti chiama! (Sua mãe está chamando)

Nada.

- Tua madre ti chiama, ti dico! (Estou dizendo).

Inútil.

(...) -Stai atento que ti rompo la faccia, figlio d’um cane sozzaglione, che non sei altro! (Presta atenção que quebro sua cara, filho de um cão imundo, que nem sei o que dizer!).

- Pode ofender que eu não entendo! Mamãe! **MAMÃE!** MAMÃE!

Cada surra que só vendo.³⁰

O barbeiro percebe, entende que os filhos, os ítalo-paulistas, têm seus referencias de identificação na terra em que nasceram e cresceram, a despeito de suas arraigadas tradições. Porém, nas negociações, nos limites de interação entre viveres diversos, os passos vão e voltam.

Importante notar que o negrito presente nas linhas iniciais trata de algo específico. “Entre um cabelo e uma barba [Tranquillo] lia sempre os comunicados de guerra do **FANFULLA.**”³¹ A distância da terra natal e as notícias sobre a Primeira Guerra Mundial, vindas pelo jornal, parecem reforçar o nacionalismo, o ser italiano – ainda que o processo de unificação da Itália, feito no âmbito político, caminhe em passos mais lentos no que tange ao sentimento cultural partilhado de pertencer. É do piemontês Massimo d’Azeglio (1792-1866)

³⁰ Ibidem, p. 61-62.

³¹ Ibidem, p. 61.

a curta frase que sintetiza a trilha a ser percorrida, desde a unificação formal na segunda metade do XIX: “Fizemos a Itália; agora precisamos fazer os italianos.”³² Fato é que diversos elementos pontuaram o movimento rumo a essa construção simbólica e afetiva que sustenta o Estado-nação: a geografia da península, as diferenças regionais marcantes entre o norte e o sul, entre campo e cidade, entre ricos e pobres - todos se mostravam como fatores a serem trabalhados e ressignificados. Para isso Educação, História e Exército viriam a cumprir seus papéis num tripé importante.

Pela rede educacional a linguagem oficial foi ensinada, no intuito de suplantar os falares característicos de cada região. Tal procedimento teve desdobramentos importantes, como a consolidação da própria imprensa nacional, que superando as distâncias territoriais, os difíceis relevos geográficos, uniu em narrativas contemporâneas o que antes se apresentava disperso. O noticiário, para além de suas funções mais evidentes, teve papel homogeneizante. Pela escola, igualmente, a História cimentou essa comunidade imaginada. Relida, deu ares de passado grandioso e futuro promissor ao italiano que se construía. Através da trama pretérita os camponeses e os setores menos favorecidos - a grande porcentagem populacional -, que pouco ou nada haviam participado das lutas pela unificação burocrática do país, figuraram como elementos ativos e dividiram as páginas com Giuseppe Mazzini, Garibaldi, entre outros. Assim, paulatinamente, aqueles que não se viam italianos, mas vênéticos, sicilianos e toscanos, foram se identificando num espectro mais amplo, tricolor: verde, branco e vermelho (“Enfeitou o lustre com papel de seda tricolor”).³³ O Exército, ponto importante de sustentação, edificou símbolos e desempenhou papel decisivo na Primeira Guerra Mundial, quando o conflito forjou a união contra um inimigo comum, quando a coragem italiana se mostrou nos campos de batalhas e ratificou características nacionais importantes.³⁴

Tranquillo, de sua parte, era vibrante diante de comunicados bélicos:

(...) Della mostra parte abbiamo perduto due cavalli ed è rimasto ferito un bravo soldato, vero eroe che si é avventurato troppo nella conquista fatta da solo di una batteria nemica. (De nossa parte perdemos dois cavalos e ficou ferido um bravo soldado, verdadeiro

³² BERTONHA, João Fábio. Os italianos. São Paulo: Contexto, 2010, p. 56.

³³ MACHADO, António de Alcântara. Nacionalidade. In: MACHADO, António de Alcântara. Contos Reunidos (Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; e outros contos). São Paulo: Ática, 2003, p. 63

³⁴ BERTONHA, João Fábio. Op. Cit., p. 33.

herói que se aventurou demais, sozinho, na conquista de uma bateria inimiga).³⁵

Antônio o adjetiva como italiano jacobino. A partir dessa afirmação, já no parágrafo seguinte, o autor faz avançar os acordos de integração: as fronteiras entre a Itália e São Paulo insinuam a mescla. Para isso, utiliza-se da mesma Guerra Europeia, com a qual o sapateiro dava vazões garrafais ao seu nacionalismo. Capturando o Exército e seus símbolos disseminados, Alcântara subverte, oferece a Tranquillo o progresso econômico, atrelado a política partidária. No lugar das trincheiras do conflito armado, os palanques do Partido Republicano Paulista (P.R.P.). O escritor, ao fazer esse movimento, coloca a burocracia paulista como pilar importante na recepção e integração do imigrante. Os subtextos denunciam certa promiscuidade entre poder político e econômico, assim como estabelecem que era o P.R.P. quem detinha os rumos institucionais. Num dia de trabalho rotineiro:

Um dia o Ferrucio candidato do governo a terceiro juiz de paz do distrito veio a cabalar o voto do Tranquillo. Falou. Falou. Falou. Tranquillo escanhoando o rosto do político só escutava.

- Siamo intensi? (Estamos entendidos?)

- No. Non so elettore. (Não. Não sou eleitor.)

- Noa è elettore? Ma perchè? (Não é eleitor? Mas por quê?)

- Perchè sono italiano, mio caro signore. (Porque sou italiano, meu caro senhor.)

- Ma che c'entra la nazionalità, Dio Santo? Pure io sono italiano e farò il giudice! (Mas que importa a nacionalidade, Santo Deus? Eu mesmo sou italiano e serei juiz!)

- Stà bebe, stà bene. Penserò. (Está bem, está bem. Vou pensar.)

E votou com outra caderneta.

Depois gostou. Alistou-se eleitor. E deu até para cabalar.³⁶

Cabo influente do Partido Republicano, o barbeiro progride. Rapidamente torna-se “proprietário de quatro prédios na Rua do Gasômetro, dois na Rua Piratininga”.³⁷No bairro italiano e operário do Brás, Tranquillo marca sua presença de maneira concreta. As noites em

³⁵ MACHADO, Antônio de Alcântara. Nacionalidade. In: MACHADO, Antônio de Alcântara. Contos Reunidos (Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; e outros contos). São Paulo: Ática, 2003, p. 61.

³⁶ Ibidem, p. 63.

³⁷ Idem.

que “ia dormir com aquela ideia fixa na cabeça: voltar para a pátria”³⁸, dissolvem-se na posse dos imóveis, no reconhecimento literal e simbólico, na forma palpável do se situar num local: a propriedade privada. Entretanto, ainda que tímida, existe uma insinuação de Itália. É a Guerra que chama pelo sentimento nacionalista. Ele “agitou-se todo. Comprou um mapa das operações com as respectivas bandeirinhas”.³⁹ Nos avanços e recuos, nos hibridismos que se estabelecem, o membro do P.R.P. “colocou no salão o retrato da família real”⁴⁰. Porém, os filhos progrediram na mesma medida em que o pai avançou política e economicamente. Inseridos no meio social desde o nascimento e frequentando círculos importantes depois da ascensão paterna, os laços com a Itália não lhes diziam respeito, não mobilizavam nenhum sentimento. Dona Clementina, a matriarca, foi quem rompeu de forma definitiva os vínculos anteriores que se negavam aos contatos, e funcionou para Tranquillo como um chamado à sua nova condição em terras paulistas:

Dona Clementina pouco ligava. Mas no dia em que o marido resolveu influenciado pelo Carlino subscrever para o empréstimo de guerra protestou indignada. Tranquillo deu dois gritos patrióticos. Dona Emília deu três econômicos. Tranquillo cedeu. E mostrou ao Carlino como explicação a sua caderneta de eleitor.

Aos poucos mesmo foi se desinteressando da Guerra.⁴¹

Entre a simbologia que atuava em seu imaginário, conduzida pelo conflito, e a concretude financeira lembrada pela esposa, Tranquillo passa de italiano a ítalo-paulista. A caderneta de eleitor, o meio político e econômico no qual se insere, moldam-lhe novos sentimentos nacionais. Imerso na cidade de São Paulo, soma outros negócios aos prédios do Brás: torna-se “sócio mandatário da Perfumaria Santos Dumont”⁴². Alcântara reforça pelo nome do avião a opção cada vez mais evidente do antigo barbeiro. Finaliza o conto sem deixar pontas soltas e chama o Judiciário à cena, formalizando burocraticamente o sentimento que desenvolveu e fez crescer a partir da metade do enredo: o filho, advogado recém-formado pelo Largo de São Francisco, requer “ao Exmo. Sr. Dr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores do Brasil a naturalização de Tranquillo Zampinetta, cidadão italiano residente em São Paulo”⁴³.

³⁸ Ibidem, p. 62.

³⁹ Ibidem, p. 63

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Ibidem, p. 63-64.

⁴² Ibidem, p. 64.

⁴³ Ibidem, p. 65.

E o novo sentimento vai para o além vida, para a existência afetiva e simbólica da memória. Pessoalmente, passa a “fiscalizar todos os dias a construção da capela da família no Cemitério do Araçá.”⁴⁴

Outro conto que dá passos semelhantes nesse processo de integração é *Tiro de Guerra n° 35*⁴⁵. O ítalo-paulista atende por Aristodemo Guggini. Indisciplinado, desde cedo foi convivendo com a falta de organização e sugestões de patriotismo, pois:

aprendeu com três anos a roubar com perfeição no jogo de bolinhas (garantindo o tostão para o sorvete) e ficou sabendo na ponta da língua que o Brasil foi descoberto sem querer e é o país maior, mais belo e mais rico do mundo.⁴⁶

Descrevendo a trajetória de Aristodemo, António chega à sua profissão mais estável: cobrador da Companhia Autoviação Gabrielle d’ Annunzio, na linha Patriarca-Lapa. Sua vida segue, enamora-se e chega ao Tiro de Guerra. Ele, que atacava o *Fanfulla* quando difamava a imagem do Brasil, e, ao mesmo tempo, entregava-se emocionado às canções italianas, encantou-se com o discurso altamente patriótico do Sargento Aristóteles Camarão de Medeiros, que “quando falava em honra da farda, deveres do soldado e grandeza da pátria arrebatava qualquer um”⁴⁷. E “Aristodemo só de ouvi-lo ficou brasileiro jacobino”⁴⁸. Tão nacionalista que chegou ao ponto de se engalfinhar com um descendente de alemão que ofendeu a mãe pátria durante um exercício de ordem unida:

- Eu dei na cada dele, seu Sargento. Por Deus do céu! Um bruto tapa mesmo. O desgraçado estava escachando com o hino do Brasil!
- O que você está me dizendo, Aristodemo?
- Escachando, Seu Sargento. Pode perguntar pra qualquer um da esquadra. Em vez de cantar ele dava risada da gente. Eu fui me deixando ficar com raiva e disse para ele que tinha obrigação de cantar junto com a gente também. Ele foi e respondeu que não cantava porque não era brasileiro. Eu fui e disse que se ele não era brasileiro é porque então era... um... eu chamei ele de... eu ofendi a mãe dele, Seu Sargento! Ofendi mesmo. Por Deus do céu. Então ele disse que a mãe dele não era brasileira para ser... o que eu disse. Então eu fui, Seu

⁴⁴ Ibidem, p. 64.

⁴⁵ MACHADO, António de Alcântara. Tiro de Guerra n° 35. In: MACHADO, António de Alcântara. Contos Reunidos (Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; e outros contos). São Paulo: Ática, 2003, p. 28.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Ibidem, p.30.

⁴⁸ Idem.

Sargento, achei que era demais e estraguei a cara do desgraçado! Ali na hora.⁴⁹

Aristodemo virou tão nacionalista que, sob conselhos do sargento, abandonou a Companhia Autaviação Gabrielle d' Annunzio e se empregou na Sociedade de Transportes Rui Barbosa Ltda.

Considerações Finais

Os modernistas se propuseram a pensar a nacionalidade. Para António de Alcântara Machado, vinculado à corrente antropofágica, ela passava pelo cosmopolita, pela integração do elemento imigrante na sociedade. E a viu [a integração] de várias formas, estabeleceu tramas ficcionais que se fiavam em sugestões do real no qual interagia, sentia e representava.

A constante de seu pensamento é de que a integração não é passiva, que não ocorre numa via de mão única, mas influenciada por processo duplo, onde tanto o imigrante quanto a cidade que o acolhe – lembrando que Alcântara focou suas lentes no urbano – mesclam-se e se transformam. Operando nas brechas sentidas, resistindo em bairros operários e progredindo segundo as oportunidades que se apresentavam, todos caminharam na integração feita de hibridismos: seja Gennarinho, que foi a Januário com a ciência do caminho trilhado, acatando apenas as ordens que desejava, pela análise da relação de poder que sentiu e subverteu; seja Tranquillo, que viu se materializar o desejo nascido ainda na pátria italiana, de se fazer a América pelo sonho da emigração; seja Aristodemo, que durante o dia cantava o hino nacional com rompantes patrióticos, e à noite se entregava às canções italianas; sejam pelos engraxates e barbeiros que concretizaram as negociações simbólicas do pertencer através das partidas do Bologna F.C. contra times paulistas...

António trouxe o imigrante e os ítalos-paulistas para o palco principal e os deixou conduzir de forma ativa as relações no cenário urbano que se fazia ininterruptamente, numa frenética São Paulo dos anos vinte.

⁴⁹ Ibidem, p. 31.

Referências

Bibliografia

ALVIM, Zuleika. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

AVELINO, Yvone Dias. *Os labirintos da arte de narrar: história e literatura*. In: CARVALHO, Alex Moreira (org.); FLÓRIO, Marcelo (org.); AVELINO, Yvone Dias (org.). *História, Cotidiano e Linguagens*. São Paulo: Expressão & Arte, 2012.

BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2010.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

LARA, Cecília de. *Brás, Bexiga e Barra Funda: uma sinfonia paulistana*. In: MACHADO, António de Alcântara. *Contos Reunidos (Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; e outros contos)*. São Paulo: Ática, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Fontes

Correio Paulistano, São Paulo, 19 jun. 1929 (n. 23583) Disponível em:<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 27 nov. 2019.

Correio Paulistano, São Paulo, 12 jul. 1929 (n. 23603) Disponível em:<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 27 nov. 2019.

Correio Paulistano, São Paulo, 31 jul. 1929 (n. 23619) Disponível em:<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 27 nov. 2019.

O Estado de São Paulo, São Paulo, 31 jul. 1929. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em 27 nov. 2019.

MACHADO, António de Alcântara. *Nacionalidade*. In: MACHADO, António de Alcântara. *Contos Reunidos (Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; e outros contos)*. São Paulo: Ática, 2003.

_____. *Notas Biográficas do novo deputado*. In: MACHADO, António de Alcântara. *Contos Reunidos (Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; e outros contos)*. São Paulo: Ática, 2003.

_____. *Notas sôbre a visita do Bologna F.C.* In: MACHADO, António de Alcântara. *Cavaquinho e Saxofone*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

_____. *Tiro de Guerra n° 35*. In: MACHADO, António de Alcântara. *Contos Reunidos (Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; e outros contos)*. São Paulo: Ática, 2003, p. 28.

_____. *Voltolino*. In: MACHADO, António de Alcântara. *Cavaquinho e Saxofone*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.
Revista do Brasil, São Paulo, ano I, abril de 1916, n. 4.